

François Houtart: uma sociologia da libertação¹

Geoffrey Pleyers

Professor de Sociologia
Université Catholique de Louvain (Bélgica)

¹ Tradução de Maryanne Galvão. Originalmente publicado em *Mundos Plurales* – Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública, março 2018.

François Houtart: uma sociologia da libertação

Resumo: Para François Houtart, o compromisso religioso e o compromisso social não podiam ser dissociados, nem a análise da realidade social e das lutas sociais para transformá-la. Ele era ao mesmo tempo um teólogo, sociólogo e ativista global. Este artigo analisa os principais eixos das contribuições de François Houtart às ciências sociais contemporâneas a partir das convicções que orientaram seu compromisso como sociólogo junto aos atores sociais. A primeira parte dá uma breve visão geral de sua carreira e sua contribuição para a teologia da libertação. A segunda enfatiza o papel precursor de François Houtart nas ciências sociais em particular no diálogo com as epistemologias do Sul que nos convida a analisar o mundo, os mecanismos de opressão e os projetos de emancipação a partir das perspectivas dos atores sociais e dos oprimidos do Sul do planeta seguindo a abordagem de “outra globalização”.

Palavras-chave: 1. Sociologia da religião; 2. Teologia da libertação; 3. Epistemologias do Sul

François Houtart: A sociology of liberation

Abstract: To François Houtart, religious and social commitment could not be dissociated, nor the analysis of social reality and social struggles to transform it. He was at the same time a theologian, sociologist and global activist. This article analyzes the main axes of François Houtart 's contributions to the contemporary social sciences based on the convictions that guided his commitment as a sociologist to the social actors. The first part gives a brief overview of his career and his contribution to liberation theology. The second emphasizes the pioneering role of François Houtart in the social sciences in particular in the dialogue with the epistemologies of the South, which invites us to analyze the world, the mechanisms of oppression and the projects of emancipation from the perspectives of the social and oppressed actors of the South of the planet following the “other globalization” approach.

Keywords: 1. Sociology of religion; 2. Liberation Theology; 3. Southern epistemologies

Padre comprometido e sociólogo renomado, François Houtart faleceu em 6 de junho de 2017, na Fundação Pueblo Indio do Equador, onde estabeleceu sua residência por sete anos. Professor da Université Catholique de Louvain (UCL) desde 1958, fundador do Centro Tricontinental e Doutor Honoris Causa da Notre-Dame University (Estados Unidos, 1966) e da Universidade de Havana (2008), foi autor de cerca de sessenta livros e de inúmeros artigos.

Professor de sociologia, François Houtart caracterizou-se por um humanismo ancorado na fé cristã e por seu envolvimento com os movimentos sociais. Para ele, o compromisso religioso e o compromisso social não podiam ser dissociados, nem a análise da realidade social e das lutas sociais para transformá-la. Ele era ao mesmo tempo um teólogo, um sociólogo e um ativista.

Sociólogo da religião, teólogo e ator da renovação da Igreja

Nascido em 1925 em Bruxelas, neto de um ex-primeiro ministro da Bélgica e o mais velho de uma família de catorze filhos, François Houtart foi ordenado sacerdote em 1949. Após o seminário, iniciou estudos de sociologia das religiões e sociologia urbana em Lovaina e, mais tarde, na Universidade de Chicago em 1952 e 1953. Começou sua carreira como sociólogo, colocando sua sociologia urbana a serviço da Igreja da Bélgica, através de uma longa pesquisa dedicada às paróquias de Bruxelas, publicado em 1952. Desde o início, considerava a pesquisa como uma atividade científica que possuía um propósito prático: dar melhores instrumentos à ação social e, em particular no início de sua carreira, à ação pastoral, para “contribuir para o papel emancipatório que a igreja tem no mundo moderno” (SAHABANDHU, 2005).

Houtart foi nomeado presidente da Federação Internacional dos Institutos de Pesquisa Sócio-religiosa, assumiu a direção em 1960 da revista *Social Compass* até 1999 e a transformou numa das principais referências internacionais dessa especialidade. Em sua sociologia da religião, François Houtart procurava explicar o papel da religião na sociedade e como ela contribui para a construção de culturas e da sociedade em geral. Ele promoveu uma sociologia das religiões que se recusa a recuar. Por um lado, promove o diálogo entre religiões e análises de várias religiões. Ele dedicou a sua tese de doutoramento ao budismo no Sri Lanka (HOUTART, 1974) e desde os anos 1970 enfatizou a dimensão ecumênica da teologia da libertação, destacando orientações e práticas semelhantes no islamismo, no budismo, no hinduísmo ou no judaísmo (HOUTART, 2000). Por outro lado, inscreve a sociologia das religiões em um diálogo constante com a análise crítica do capitalismo, da sociologia política e do desenvolvimento e das epistemologias do Sul (HOUTART, 2001a, 2005a).

Sua estreita relação com a América Latina teve um impacto decisivo em sua maneira de entender o mundo. Contando com a rede da Juventude Trabalhadora Cristã em que atuava, percorreu quase todos os países latino-americanos na década de 1950. Entre 1958 e 1962, coordena as equipes que escreveram 43 volumes sobre a Igreja na América Latina. O cardeal brasileiro Helder Câmara solicitou, na época, a redação de um resumo desse extenso trabalho que seria distribuído a todos os bispos participantes do Concílio Vaticano II (1962-1965) e convida-o mais tarde a participar ativamente deste Conselho na qualidade de membro especialista do Conselho Episcopal da América Latina. Ele desempenharia um papel muito ativo na elaboração da constituição pastoral *Gaudium et Spes* [Alegria e Esperança] “sobre a Igreja no mundo destes tempos”, que foi um dos principais documentos emitidos pelo conselho (GIGACZ, 2017).

François Houtart sempre afirmou claramente que escolheria “a opção preferencial pelos pobres”, que situa-se no que seu amigo Gustavo Gutiérrez chamou em 1970 de teologia da libertação: viver a fé, analisar a sociedade e transformá-la ponto de vista dos pobres trabalhando com eles para transformá-lo. Para François Houtart, a mensagem do Evangelho é radical: lutar pela emancipação do oprimido e contra a raiz da opressão, o sistema capitalista.

Muito envolvido na orientação dos trabalhos dos estudantes e jovens pesquisadores que passaram pela Universidade de Lovaina, Houtart foi professor e amigo de Camilo Torres, um padre católico fundador da faculdade de sociologia da Universidade da Colômbia e que depois de muitas tentativas de transformar a sociedade colombiana particularmente desigual, escolheu se juntar aos guerrilheiros. François Houtart e Jaime Caycedo Turriago (2010) o dedicaram um livro de homenagem e análise, focado no conceito de “amor eficaz”².

Com a ascensão dos conservadores dentro da Igreja Romana e o questionamento de algumas orientações do Concílio, François Houtart e os teólogos da libertação estariam cada vez mais em contradição com a doutrina conservadora da Igreja, especialmente depois da chegada de João Paulo II (HOUTART, 2005b). Karol Wojtila era amigo pessoal de François Houtart desde 1947. Ele o recebia em sua casa em Bruxelas durante as férias de verão na época em que estudava no seminário e depois colaboraram juntos na mesma comissão no Concílio Vaticano II. Entretanto, como pontífice, o padre polonês viu nas experiências progressistas no Vietnã e na Nicarágua a ameaça de um comunismo ateu e nas comunidades de base e na teologia da libertação a semente de uma divisão da Igreja.

O compromisso sociológico: enraizar as lutas na análise da realidade social

Sua mensagem na homilia proferida na missa da festa da Universidade de Lovaina em 2 de fevereiro de 2003 define claramente o significado de seu compromisso como sociólogo: “Nunca antes a humanidade teve tantos meios materiais e conhecimento científico, e nunca antes tantos seres humanos sofreram fome e miséria” (HOUTART, 2005a, p. 166). As fontes e causas da miséria não são encontradas em problemas materiais ou de produção, mas nas relações sociais, aspecto que deve ser analisado com rigor.

² Vídeo da intervenção de François Houtart no colóquio dedicado a Camilo Torres na Université Catholique de Louvain no Instituto de Altos Estudos sobre América Latina em Paris (IHEAL, Universidade de Paris): <https://www.youtube.com/watch?v=F7LAKTNTHCY>

A necessidade de ancorar as lutas sociais no âmbito de uma análise sólida e rigorosa da situação e do sistema foi o verdadeiro *leitmotiv* de François Houtart. Esse foi o significado de seu trabalho como sociólogo, de suas inúmeras intervenções nas universidades e nos conselhos de atores sociais.

Assim como seus colegas latino-americanos da teologia da libertação, Houtart considerava a teoria marxista como a melhor ferramenta para analisar a sociedade e o sistema econômico. Não se tratava de um marxismo ateu e dogmático, mas de uma perspectiva analítica que permite compreender a realidade social vivida pelos povos do Sul. Não poderia modificar sua condição sem atacar as raízes da opressão que identificava dentro do sistema capitalista, encontrando no marxismo a base intelectual de sua análise, enfatizando que o capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas acima de tudo uma relação social que sujeita os seres humanos e a natureza à lógica da acumulação (*ibid.*).

O sistema capitalista é baseado em uma ideologia, um conjunto de valores e uma visão de mundo, ao qual ele atribuiu toda a sua importância como sociólogo da religião. Para Houtart, trata-se da questão de articular a crítica do sistema à análise das experiências em curso na transição para uma sociedade pós-capitalista, seja através da análise da ação de governos progressistas (no Vietnã e na Nicarágua na década de 1980, e logo em diferentes países latino-americanos a partir dos anos 2000) ou através das resistências e das alternativas dos movimentos sociais.

Até o final do século XX, suas análises sociológicas foram baseadas em análises quantitativas de dados coletados em vários países. No início dos anos 2000, ele retornou à aldeia vietnamita de Hai Van, onde estudou quantitativamente a transição para o socialismo nos anos de 1980 e analisou uma segunda transição na mesma cidade, desta vez do socialismo para o capitalismo. Ele o publica em um livro (HOUTART, 2004) que permanece como uma das melhores ilustrações da metodologia aplicada em muitos estudos de caso: uma sólida base quantitativa que combina, por um lado, o que aprendera na experiência vivida com os habitantes e a maneira como o perceberam e, por outro lado, uma análise sistêmica em que a perspectiva global e a experiência local não estão desconectadas.

Transformar o Mundo

François Houtart não foi apenas um analista da evolução da sociedade e dos movimentos sociais. Foi acima de tudo um protagonista da mudança. Desde a década de 1960 insistiu na necessidade de alcançar a confluência das lutas sociais entre países e entre diferentes setores em luta, uma perspectiva que encontrou sua maior encarnação no Fórum Social Mundial (FSM), que ajudou a impulsionar. Ele também se destacou por seu apoio a diferentes governos progressistas que considerava como atores da mudança social.

Convergências e mundialização das resistências

Desde os anos de 1960, François Houtart não parou seu empenho em lutar contra a fragmentação das lutas. A convergência necessária de lutas e setores progressistas para alcançar a unidade popular foi um sonho que ele compartilhou com seu aluno e amigo colombiano Camilo Torres. Juntos, eles explicavam que “precisamos de unidade acima dos grupos”.

No final do século XX, essa convergência tornou-se mais urgente diante da globalização capitalista: “[e]nquanto as bases materiais da reprodução do capital (...) se sustentam cada vez mais a um nível global, as resistências ainda são essencialmente locais” (HOUTART, 2001b, p. 65). Contra a globalização neoliberal, ele propôs a oposição: *A globalização das resistências e lutas* (HOUTART; AMIN, 2002). Esse foi o objetivo da cúpula anti-globalista *O outro Davos* (HOUTART; POLET, 1999) que organizou na Suíça com seu amigo, o economista crítico Samir Amin, e depois com o Fórum Social Mundial que se estabeleceu com o objetivo de articular a crítica do sistema em torno do surgimento de alternativas e convergência das lutas que ocorreriam em todos os continentes. François Houtart foi um ator importante nos fóruns sociais mundiais desde 2001 e um dos principais protagonistas do Conselho Internacional do FSM, onde conseguiu articular os atores das lutas sociais que conheceu nos diferentes países onde realizou suas pesquisas e quando havia participado como professor convidado.

As experiências dos governos progressistas

Como resume Nicolás Herrera Farfán (2017), François Houtart promoveu e se apaixonou pela construção do poder popular e pela organização desde “baixo e à esquerda”. François Houtart nunca foi um antiestatista, pelo contrário, manteve seu ceticismo sobre as perspectivas que propunham “mudar o mundo sem tomar o poder” (HOLLOWAY, 2002) e considerava que “ignorar a importância da esfera política é pura ilusão” (HOUTART, 2005a, p. 195). A chegada ao poder de governos progressistas é necessária para “promover alternativas e fazer mudanças sociais” (*ibid.*, p. 158). Em 1955, a conferência de Bandung (Indonésia), e em 1956, a primeira grande reunião dos países recém-independentes e “não-alinhados” (nem com o comunismo soviético nem com o capitalismo norte-americano), foram impulsionadas pelos presidentes progressistas do Egito (Gamal Abdel Nasser), Índia (Jawaharlal Nehru) e Indonésia (Sukarno). O projeto do Pacífico, contra o neocolonialismo e pela promoção da cooperação Sul-Sul, impregnou profundamente François Houtart, que ainda o considerava 60 anos mais tarde como uma referência para avaliar as ações de governos progressistas (HOUTART, 2015).

Comprometido com a solidariedade com Cuba desde os anos 1950, Houtart foi assessor do regime no marco da preparação da visita histórica do papa em 1997 e depois desempenhou um papel importante na vida intelectual da ilha. Envolveu-se na experiência do governo sandinista na Nicarágua durante os anos de 1980, ensinando ciências sociais na Universidade Centro-Americana de 1983 a 1990 e tornando-se um dos conselheiros mais próximos do governo. Juntamente com a socióloga Geneviève Lemercier, realizou pesquisas de opinião com o objetivo de assessorar o governo e cujas análises os direcionou como os únicos capazes de prever a derrota dos sandinistas nas eleições de 1990.

François Houtart manteve uma profunda amizade com Fidel Castro e com os presidentes progressistas que chegaram ao poder na América Latina nos anos 2000, particularmente com Daniel Ortega (Nicarágua), Hugo Chávez (Venezuela), Lula (Brasil) e Rafael Correa (Equador), este último tinha sido alojado no Centro Tricontinental (CETRI) quando estudava na UCL. Embora sua visão tenha sido algumas vezes influenciada pela amizade construída durante as antigas lutas comuns, François Houtart chamou regularmente a

atenção desses líderes e realizou uma avaliação crítica dos regimes da esquerda latino-americana, avaliando suas políticas como “pós-neoliberais, mas não pós-capitalista” (HOUTART, 2015b). Ressaltou as contradições entre os discursos inspirados pela ecologia e as políticas que favoreciam as indústrias extrativas nesses países. Ele também foi muito crítico da repressão de movimentos indígenas e de pesquisadores, visitando-os em prisões no final do regime de Rafael Correa, no Equador.

Um sociólogo precursor

As ciências sociais evoluíram muito nas quase sete décadas da carreira acadêmica de François Houtart. O marxismo e as análises estruturais perderam muito de sua centralidade. O retorno do marxismo nas ciências sociais se combina com uma renovação de seu pensamento, perspectivas não ortodoxas e uma crescente atenção à ecologia (MARTÍNEZ ANDRADE, 2016).

François Houtart foi um intelectual e um sociólogo de seu tempo, marcado tanto pela sociologia estruturalista que aprendera em Chicago, como pelas análises marxistas e pela teologia da libertação. Ao reler sua biografia e seus textos em 2017, Houtart, no entanto, aparece como um precursor, pois antecipou várias décadas ou pelo menos duas grandes evoluções nas ciências sociais contemporâneas e para as quais seu trabalho e seus projetos desde os anos de 1950 permanecem como referências históricas: por um lado, as epistemologias do (a partir do) Sul e, por outro, a importância dos camponeses e da ecologia.

Epistemologias do Sul

Tanto em seu trabalho como em sua vida, François Houtart foi um ator do que Boaventura Sousa Santos (2009) chamaria mais tarde a *epistemologia do Sul*: ver e pensar o mundo, opressão e emancipação do Sul e dos oprimidos. Meio século antes da publicação do livro de Sousa Santos, François Houtart já aplicava essa perspectiva a partir de sua primeira pesquisa na América Latina inspirada na metodologia do padre Joseph Cardijn, fundador do Movimento

dos Trabalhadores Cristãos: “ver, julgar, agir”. Não parou de enriquecer suas análises com os pontos de vista dos atores e pesquisadores do Sul e multiplicou os encontros e os projetos para difundir as perspectivas dos intelectuais e atores progressistas da Ásia, África e América Latina, tanto nos demais países do Sul como no Norte do planeta. É o projeto fundador do *Centro Tricontinental* que Houtart montou na Bélgica em 1976 e depois da revista *Alternatives Sud*, que publica quatro edições temáticas por ano com o mesmo propósito desde 1984.

Como resume Nicolás Herrera Farfán (2017), o pensamento de François Houtart

“é um pensamento situado e eticamente comprometido (...). Partia sempre da realidade olhando para problemas com os olhos dos que estão abaixo; ele tomava partido, abandonando a pretensão positivista de objetividade e neutralidade. Seu lugar de enunciação (DUSSEL, 2001) sempre foi a externalidade da modernidade capitalista: o explorado, humilhado, condenado, ofendido (...) e por isso privilegiava o diálogo sul-sul, alimentando-se da seiva popular, sem abduções nem pilhagem das idéias geradoras” (HERRERA FARFÁN, 2017).

Essa perspectiva epistemológica foi amplamente difundida a partir dos anos 2000, em meio a debates acalorados sobre perspectivas pós-coloniais e decoloniais.

Sair do eurocentrismo nos leva a pensar de outra maneira a emancipação e os movimentos sociais. François Houtart colocou em prática uma sociologia das emergências, na qual as experiências locais são, de fato, “ilhas no oceano do mercado mundial, ao mesmo tempo em que anunciam o desenvolvimento de uma visão crítica do modelo contemporâneo a partir de uma perspectiva claramente holística” (HOUTART, 2011a, p. 49).

Ecologia e bens comuns da humanidade

A influência das perspectivas dos atores do Sul é particularmente dominante na evolução do pensamento de François Houtart durante os últimos dez anos e, acima de tudo, influenciou o lugar central que, para ele, ocupa a ecologia e os bens comuns da humanidade para pensar as resistências e alternativas para uma sociedade pós-capitalista. Os caminhos da crítica e da

emancipação são redefinidos em um mundo incerto (HOUTART, 2009): “As novas circunstâncias exigem uma renovação das perspectivas e paradigmas do cotidiano da humanidade” (HOUTART, 2011a, p. 35). Diante da “globalização atual que significa o uso irracional dos recursos naturais” (HOUTART, 2005a, p. 168), François Houtart opõe os “bens comuns da humanidade” e a ecologia como o núcleo do novo paradigma para pensar a emancipação no século XXI.

Trata-se de “passar da exploração (conceito de capitalismo) da terra como fonte de toda a vida, física, cultural, espiritual e fomentar de uma visão biocêntrica do universo” (HOUTART, 2011a). É nesse contexto que a agricultura familiar, camponesa e indígena, os movimentos indígenas e a defesa da soberania em todos os setores (alimentício, energético ou político) fazem todo o sentido (*ibid.*, p. 49). Encontramos aqui a perspectiva holística que tem a obrigação de integrar as relações com os homens, com a sociedade e com o planeta, e na qual as dimensões material e espiritual estão estreitamente articuladas:

“O ser humano é uno: sua espiritualidade pressupõe matéria, e sua materialidade não tem significado sem o espírito. Uma visão culturalista da espiritualidade que ignora a materialidade do ser humano, ou seja, um corpo para o indivíduo e uma realidade econômico-política para a sociedade, é um desvio conceitual que leva ao reducionismo” (*ibid.*, p. 57).

Percebe-se em Houtart uma forte influência dos movimentos indígenas, camponeses e ecologistas do Sul (HOUTART, 2010) da cosmovisão de Sumak Kawsay (traduzida para o espanhol como *Buen vivir*) das comunidades indígenas da Bolívia e do Equador. Essa cosmovisão promove o respeito pela natureza, a inserção do homem na comunidade e um conceito do que significa uma vida boa, muito diferente da percepção proposta e imposta pela modernidade capitalista e colonial (HOUTART, 2011b).

A ecologia de François Houtart não é um complemento para a alma ou a luta de classes, ou um capitalismo em crise. Está no centro do novo paradigma para pensar a emancipação e a sociedade pós-capitalista no século XXI. Esta ecologia não pode acomodar-se a um capitalismo verde, denunciado de maneira virulenta por Houtart. Em meados da década de 2000, ele foi um dos primeiros pesquisadores a observar os desvios dos agrocombustíveis (HOUTART, 2009),

então anunciados como “combustíveis verdes” que ofereceriam uma saída para os camponeses e que substituiriam o petróleo; mostrou que esses combustíveis no fundo favoreciam os grandes proprietários de terra, destruindo a biodiversidade e ameaçando os pequenos agricultores. Alguns anos depois, no livro dedicado ao bem comum da humanidade, ele deixa claro que

“Não há mais soluções ‘regulamentares’ no próprio sistema. O capitalismo impôs a lógica das soluções individuais aos problemas coletivos e comuns, como a fome, o desemprego, a poluição, a insegurança, etc. Essas soluções individuais, por sua vez, são comercializadas; isto é, sua resolução é através do mercado. O capitalismo transnacionalizado e financeirizado levou essa mercantilização e individualização da vida a extremos que põem em perigo a própria vida do planeta” (HOUTART, 2011).

Este novo paradigma reconhece o valor dos movimentos indígenas e camponeses, bem como as resistências locais e afirma, “cada um à sua maneira, contribui para a luta geral que é a busca do Bem Comum da Humanidade” (HOUTART, 2017, p. 3). Esta atenção dada aos pequenos agricultores e aos desafios da alimentação não é nada nova. François Houtart lhe dedicou um livro em 1956. Mas o novo paradigma no qual pensamos a emancipação e a superação da modernidade capitalista dá-lhe uma importância renovada e provavelmente central na transição para uma sociedade ecológica e a vida em comum em um planeta com recursos limitados (PLEYERS, 2015).

Um intelectual e um ser humano cosmopolita

François Houtart incorpora a figura de um intelectual global progressista. Profundamente cosmopolita, internacionalista e ecumênico. Desde os anos 1950, ele se engajou na solidariedade internacional, particularmente com o povo cubano, os Tamil no Sri Lanka e os vietnamitas. Ele foi professor na Universidade do Sri Lanka de 1968 a 1972 e depois na Universidade Nacional do Vietnã de 1977 a 1980. Aos 92 anos, continuou a excursionar pelo mundo para denunciar os massacres contra o povo Tamil no Sri Lanka, a ocupação da Palestina e da guerra no leste do Congo, e também para alcançar a paz na Síria e

na Colômbia, e acompanhar o movimento camponês dos Sem Terra no Brasil ou para entender a situação na Venezuela³.

Sua nomeação em 2008 como membro da comissão da ONU “pela reforma do sistema monetário e financeiro internacional”, presidida pelo ganhador do Prêmio Nobel em economia Joseph Stiglitz, juntamente com o prêmio Singh “pela promoção da tolerância e da não-violência”, atribuído a ele pela UNESCO em 2009, são provas da magnitude do reconhecimento internacional desfrutado por François Houtart. Ele permaneceu disponível para apoiar os movimentos sociais na América Latina, África e Ásia. Estabeleceu-se na Fundação Pueblo Indio do Equador em Quito desde 2010, foi professor na Universidade Central do Equador e, mais tarde, no Instituto de Altos Estudos Nacionais Superiores, onde foi nomeado aos 88 anos de idade professor em 2013 e onde inauguraram em 2015 a *Cátedra François Houtart*.

Crítico incansável da mundialização neoliberal, François Houtart não parou de clamar por outra globalização, “a globalização da justiça, do amor e da vida”. Poliglota, era um cidadão do mundo e um intelectual global para quem era necessário apreender a realidade a nível local, nacional e global e levar as resistências e as lutas também ao nível global. Sua análise multifacetada também foi holística, conectando as dimensões econômica, social, política, cultural e espiritual dos seres humanos e das sociedades. Esse ecumenista passou pela experiência cotidiana da interculturalidade no sentido entendido por Fernet Betancourt (2011): um verdadeiro encontro com os outros e uma abertura à sua cultura, sua visão de mundo e suas diferenças.

É neste encontro com o próximo que François Houtart cimentou seu compromisso e análise. Ele permanece como um sociólogo e um teólogo de referência, um protagonista de seu tempo que não se conformou com a análise e que contribuiu com o surgimento de movimentos de emancipação em escala global, e ao mesmo tempo como um homem simples, sempre generoso com seu tempo, que valorizava o contato com cada um, qualquer que fosse sua posição.

³Sua biografia (HOUTART; TABLADA, 2010), cujo segundo volume acabara de ser escrito, brinda a ideia de uma vida de intensidade incomum.

Referências bibliográficas

- CÉPEDE, M.; GROND, L.; HOUTART, F. *Nourrir les Hommes*. Bruxelles: CEP, 1965.
- DUSSEL, E. *Filosofía de la liberación*. México: Primero Editores, 2001.
- FORNET-BETANCOURT, R. *La philosophie interculturelle*. Paris: L'Atelier, 2011.
- GIGAGCZ, S. Remembering François Houtart. *Cardijn Studies*, p. 97-104, 2017.
- HERRERA FARFÁN, N. Evocación de François Houtart. *Zur*, 2017. Disponível em: <www.zur.org/uy/content/evocaci%C3%B3n-de-fran%C3%A7ois-houtart>.
- HOLLOWAY, J. *La philosophie interculturelle*. Buenos Aires: Herramientas, 2002.
- HOUTART, F. *The Church and Revolution: religion and ideology in Sri Lanka*. Colombo: Hansa, 1974.
- _____. *Mercado y religión*. San José (Costa Rica): DEI, 2001a.
- _____. La mundialización de la resistencia y de las luchas contra el neoliberalismo. In: SEOANE, J.; TADDEI, E. (org). *Resistencias mundiales. De Seattle a Porto Alegre*. Buenos Aires: CLACSO, 2001b.
- _____. *Hai Van. Socialisme et marché*. Paris: Les indes savantes, 2004.
- _____. *Délégitimer le capitalisme. Reconstruire l'espérance*. Bruxelles: Colophon, 2005a.
- _____. Los pontificados de Juan Pablo II y de Benedicto XVI frente a América Latina. *Nueva Sociedad*, n. 198, p.32-41, 2005b.
- _____. *L'agro-énergie: solution pour le climat ou sortie de crise pour le capitall? Charleroi: Couleur livres*, 2009.
- _____. La conférence mondiale des peuples sur le changement climatiques et les droits de la Terre-Mère. *Mouvements*, n. 3, p.82-87, 2010.
- _____. De los bienes comunes al bien común de la humanidad. In: DAIBER, B. HOUTART, F. (org). *El bien común de la humanidad*. La Havana: Ruth, 2011, pp.15-67. Versão em francês disponível em: <[https://www.rosalux.eu/fileadmin/user_upload/bien_commun_de_l_hum anite.pdf](https://www.rosalux.eu/fileadmin/user_upload/bien_commun_de_l_hum_anite.pdf)>.
- _____. El concepto de Sumak Kausay (Buen vivir) y su correspondencia con el bien común de la humanidad. *Ecuador Decide*, n. 84, p.57-72, 2011b.
- _____. De Bandung a los BRICS. Proyectos anti-hegemónicos pero no anti-sistémicos. *América Latina in Movimiento*, n. 504, p.27-29, 2015.

- _____. The citizens revolutions in Latin America. *Open Democracy & ISA47, Open Movements*, 27 June. Disponível em: <www.opendemocracy.net/françois-houtart/citizen-revolutions-in-latin-america>.
- _____. La agricultura campesina e indígena como una transición hacia el Bien Común de la Humanidad: el caso del Ecuador. *Working Papers du CriDIS*, n. 54, mai 2017. Disponível em: <https://cdn.uclouvain.be/groups/cms-editors-cridis/54_Fran%C3%A7ois_Houtart.pdf>.
- HOUTART, F.; AMIN, S. *Mondialisation des résistances et des luttes*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- HOUTART, F.; TURRIAGO, J. C. *El sueño de Camil*. Buenos Aires: Luxemburg, 2010.
- HOUTART, F. (org.). Théologies de la libération. *Alternatives Sud*, v. 7, n. 1, 2000.
- HOUTART, F.; POLET, F. *L'autre Davos. Mondialisation des résistances*. Paris: L'Harmattan, 1999.
- HOUTART, F.; TABLADA, C. *El alma en la tierra*. Memórias de François Houtart. La Havanne: Ruth, 2010.
- LEMERCIER, G.; HOUTART, F. *El campesino como actor*. Managua: Nicarao, 1992.
- MARTÍNEZ ANDRADE, L. *Religión sin redención*. Zacatecas (México): Media Noche, 2015.
- PLEYERS, G. The global age. A social movement perspective. In: BRINGEL, B. DOMINGUEZ, M (org.). *Global Modernity and Social Protests*. Londres: Sage, p. 105-121, 2015.
- SAHABANDHU, J. Portraying the person and the work of François Houtart. *Australian E-Journal of Theology*. Disponível em: <<http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/2009/houtard.pdf>>.
- SOUSA SANTOS, B. *Epistemologías del Sur*. México: Siglo XXI, 2009.